

Os caminhos e descaminhos de um processo de criação, da arte, não é e não pode ser linear. Quando pensamos estar com uma base sólida o suficiente para se arriscar pelos caminhos da projeção vem o desenho e nos apresenta questões imprevisíveis, muitas vezes aparentemente insolúveis, e outras tantas realmente insolúveis dentro do atual modo de produção. Mas é claro, o próprio desenho como ferramenta de projeto apresenta muitas possibilidades, e também muitas limitações. Assim, esse TCC carrega uma contradição que lhe é inerente: como arriscar-se pelos caminhos da pedagogia e do trabalho no canteiro se aos arquitetos foi historicamente dada a ferramenta do desenho?

O tema escolhido para este projeto era inicialmente a “inserção do canteiro experimental na escola de arquitetura”. Depois de experiências, debates, estudos, desenhos e reflexões, o tema sofreu uma metamorfose. Foi inserida no trabalho a ideia de que para se ter um canteiro experimental da forma mais plena possível, a própria escola atual deveria passar por um redesenho, arquitetônico e pedagógico.

A escolha deste tema tem um sentido instigador e autocrítico. Ao longo de 6 anos e meio, muitas coisas na universidade e curso intrigavam. Se esse tema foi escolhido, é justamente no sentido de contribuir para que a escola de arquitetura da UFSC que virá, seja melhor do que a pela qual passei. Há aqui, simultaneamente, uma intenção de retribuição e advertência. A ideia é recolocar na roda alguns debates que não são novos, mas que tampouco foram superados.

Assim, esse TCC se divide em **três blocos**:

1) Fundamentação teórica e sistematização de alguns referenciais. A fundamentação tem em Marx sua base, que foi criativamente apropriada pelo arquiteto brasileiro Sérgio Ferro no entendimento da relação do arquiteto e seu desenho com o canteiro de obras no processo global de produção e reprodução social. Na abordagem de referenciais, busca-se algumas relações possíveis entre a discussão pedagógica, a concepção de arquitetura e a arquitetura das escolas de arquitetura. Para tanto, são estudadas as experiências da Bauhaus, de Walter Gropius, e a FAUUSP, de Vilanova Artigas, articulando o pensamento arquitetônico e pedagógico destes arquitetos com as escolas por eles idealizadas.

2) Crítica ao projeto construído da escola de arquitetura da UFSC. Buscando, com base nos referenciais citados e em outros, articular uma interpretação possível desta arquitetura com o pensamento pedagógico e arquitetônico vigente.

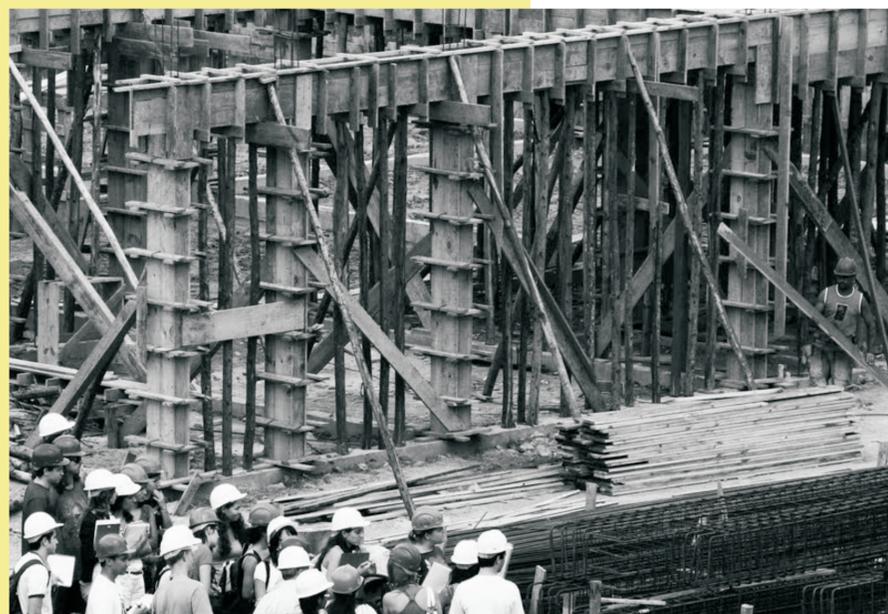
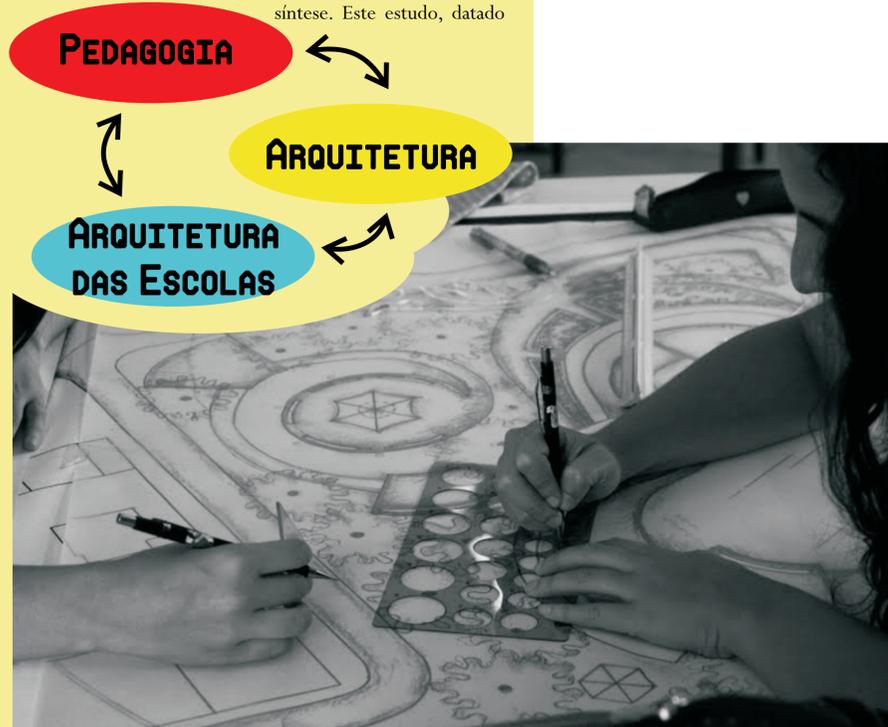
3) Apresentação da nova proposta de escola de arquitetura e urbanismo da UFSC com a inserção do canteiro experimental propriamente dito. Nesta parte do trabalho faremos um percurso no interior do novo projeto, apresentando a proposta geral e as particularidades da estrutura e da estética. No decorrer desta apresentação, estarão diluídos alguns apontamentos pedagógicos esperados de uma escola que comporte um ensino crítico e transformador, necessários para inserção de um canteiro experimental e não só dele, mas sim, do sentido de toda uma estrutura que tenha a experimentação prática construtiva como eixo para a formação de profissionais intelectualmente críticos, criadores e socialmente atuantes.

O objetivo, obviamente, não é apresentar uma proposta definitiva, mas elementos para o debate na escola, que deve continuar.

1. O FUNDAMENTO

A reflexão sobre o canteiro e o desenho – melhor dizendo, a separação antagônica entre os dois dentro das relações capitalistas de produção – é relativamente nova. Há uma profunda vinculação entre o papel desempenhado nestes dois momentos da produção da arquitetura e o modo de produção atual. Por essa razão, foi somente com o desenvolvimento das forças produtivas e a divisão social do trabalho, mais especificamente, atingindo o estágio de assalariamento da força de trabalho e origem da forma mercadoria da arquitetura, que foi possível desvendar o processo novo da produção do espaço tendo o desenho como mediador do processo de reprodução do capital.

Damos grande importância neste TCC, ao estudo elaborado por Sérgio Ferro, desenvolvido em diversos textos e aulas, com ênfase no “O Canteiro e o Desenho”, onde aparece como uma síntese. Este estudo, datado



Acima, estudantes desenhando, aula de urbanismo; abaixo, visita ao canteiro de obras, aula de experimentação. Fotos: Marcelo Cabral Vaz

de 1976, representa um marco no debate da arquitetura, até hoje pouco assimilado. Mesmo assim é possível ver que já passa a assumir diferentes formas e vertentes, dentre elas a que nos interessa neste TCC, a formação do arquiteto e a inserção do canteiro experimental nas escolas de arquitetura como instrumento político-pedagógico de grande valor para a percepção da totalidade da produção da arquitetura. Em uma breve discussão de fundamento, para dar base ao estudo sobre a escola de arquitetura da UFSC que segue, é necessário discorrer sobre como se situa o papel do arquiteto ao longo da história.

RELAÇÕES DE PRODUÇÃO E A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO ARQUITETO

O arquiteto “desenhador” surgiu dentro de um processo que acompanhou a evolução das forças produtivas e a divisão social do trabalho, com especificidades que tratam do trabalho manual e do trabalho intelectual. No início, essas duas atividades confundiam-se, faziam parte praticamente do mesmo processo. Passou por uma divisão embrionária, intermediária, até atingir uma separação completa, tendo seu máximo na produção capitalista moderna.

É importante pontuar que a produção da arquitetura deve ser inserida dentro de um *processo de trabalho* global. Em termos gerais, ocorre na relação entre o ser humano e a natureza, mediados pelos instrumentos de trabalho, os meios de produção. Entendemos então, o trabalho, como uma característica específica da espécie humana e da vida em sociedade. A ele está implícita uma característica básica: a *concepção e a realização*.

A arquitetura é, pois, consequência da vida em sociedade, e sua produção ganha os traços particulares de cada forma de organização da vida social. No modo de produção capitalista, com o aumento da produtividade do trabalho e da diminuição dos custos de produção, os antigos ofícios de artesãos passam a ser subdivididos; surgindo o que Marx chamou de *trabalhador coletivo*, uma nova força social de produção formada pelos *trabalhadores parciais*, onde cada trabalhador é apenas uma engrenagem de um mesmo processo produtivo. Na construção, isso se expressa no surgimento de distintas equipes de trabalho: carpinteiros, pedreiros, serventes, pintores, eletricitas, encanadores, etc.

Até hoje, a organização do trabalho no canteiro de obras é predominantemente manufatureiro, mesmo com alguns setores, especialmente aqueles auxiliares à construção, tendo se industrializado. Na manufatura, diferente da grande indústria – onde o trabalhador funciona como um apêndice de um ritmo de trabalho ditado pela máquina – a organização do trabalho continua dependendo da perícia individual do trabalhador para a manutenção da totalidade do processo produtivo.

A solução para o dilema que combinava a necessidade da perícia manual por um lado, e insubordinação do trabalho por outro, foi a maior concentração de poder nas mãos dos projetistas através da mudança das técnicas e dos materiais, dos símbolos, da linguagem e de um maior rigor prescritivo, além da desqualificação da força de trabalho.

Aqui ocorre a inversão: antes o “momento decisivo” era a própria construção, a realização do produto final, do objeto construído; agora, o “momento decisivo” é o desenho, onde tudo é determinado para o controle da etapa posterior.

Acontece que a monopolização do saber ao processo projetual acabou por atingir aos próprios arquitetos. A fragmentação do projeto em áreas especializadas, fenômeno mais recente que quando escrito “o canteiro e o desenho”, criou uma espécie de “canteiro do desenho” em grandes escritórios de arquitetura, onde os arquitetos parciais não mais detém o controle do todo do ofício. Entendemos que esse fenômeno recente é uma agudização de um conflito estabelecido na contradição entre trabalho manual e intelectual, que acaba por empobrecer os dois lados da mesma moeda: por um lado, o operário da construção é historicamente destituído do saber originário, passando a ser alvo de um dos setores mais precarizados e de maiores riscos e acidentes no trabalho; por outro, o arquiteto perde também historicamente a análise dos diversos agentes sociais que participam da produção do espaço, direta ou indiretamente, como as construtoras, as imobiliárias, proprietários de terra, os trabalhadores da construção.

É preciso dizer que não somos pela regressão da construção a métodos primitivos, e muito menos pela supressão do desenho. Somos sim partidários da ideia de que para fazer arquitetura de qualidade é necessária uma profunda democratização da arquitetura, do saber arquitetônico e do próprio desenho – que, como dizia Artigas também é uma “forma de conhecimento”, e segundo Saviani, conhecimento é força produtiva, meio de produção –: é necessária a apreensão o mais genuína possível do todo que a envolve, e para isso é preciso um amplo senso de realidade. É então nesses interinos de necessidades e possibilidades dos tortuosos caminhos da arquitetura que se insere a pedagogia das escolas de arquitetura e a inserção do canteiro experimental.

POR UM LADO, O OPERÁRIO DA CONSTRUÇÃO É HISTORICAMENTE DESTITUÍDO DO SABER ORIGINÁRIO, PASSANDO A SER ALVO DE UM DOS SETORES MAIS PRECARIZADOS E DE MAIORES RISCOS E ACIDENTES NO TRABALHO; POR OUTRO, O ARQUITETO PERDE TAMBÉM HISTORICAMENTE A ANÁLISE DOS DIVERSOS AGENTES SOCIAIS QUE PARTICIPAM DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO, DIRETA OU INDIRETAMENTE, COMO AS CONSTRUTORAS, AS IMOBILIÁRIAS, PROPRIETÁRIOS DE TERRA, OS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO.



2 EXEMPLOS

No processo de elaboração deste TCC foram estudadas duas experiências, a Bauhaus de Walter Gropius e a FAU-USP de Vilanova Artigas, que demonstraram que há uma profunda vinculação não só entre a necessidade de repensar a pedagogia das escolas de arquitetura e a inserção do canteiro experimental: é necessário repensar a própria arquitetura das escolas de arquitetura. Elas como espaço construído podem dizer mais de pedagogia que várias laudas escritas de discurso pedagógico.

Os dois exemplos estudados não deram o tom em si da inserção dos canteiros experimentais, mas foram fundamentais para compreender uma tríade bastante articulada que estava presente em ambas concepções: pedagogia, arquitetura e arquitetura das escolas.



HÁ UMA PROFUNDA VINCULAÇÃO NÃO SÓ ENTRE A NECESSIDADE DE REPENSAR A PEDAGOGIA DAS ESCOLAS DE ARQUITETURA E A INSERÇÃO DO CANTEIRO EXPERIMENTAL: É NECESSÁRIO REPENSAR A PRÓPRIA ARQUITETURA DAS ESCOLAS DE ARQUITETURA. ELAS COMO ESPAÇO CONSTRUÍDO PODEM DIZER MAIS DE PEDAGOGIA QUE VÁRIAS LAUDAS ESCRITAS DE DISCURSO PEDAGÓGICO.